

A estética da resistência

RUI PINA COELHO

1. Não é à toa, creio, que a crítica está a desaparecer. Se olharmos em volta, damo-nos conta de um mundo em perfeito desatino. A política, o clima, a democracia, o trabalho, o mundo, tudo parece ter mudado – ou estar a mudar – irremediavelmente. A crítica, ferramenta histórica de diálogo com a esfera pública, privada da capacidade de se inscrever num discurso com os acontecimentos do mundo, vai agonizando lentamente. Os jornais generalistas, sufocados pela sua própria aflição, já se desinteressaram dela há muito, e a crítica de artes performativas vai sobrevivendo, mais ou menos confortavelmente, mais ou menos prazo, em redutos de especialistas, na esfera digital ou albergando-se num convívio mais próximo – mais ou menos feliz, mais ou menos tenso – com a criação. Porém, em qualquer um dos casos, amputada da sua função social.

Este retrato à la minuta vale o que vale, e este desencanto não é para fazer esmorecer. É antes para mobilizar a uma atitude crítica – mais crítica. Não é à toa, bem sabemos, que a crítica está a desaparecer. Não é à toa, bem sabemos, que o pensamento crítico está a desaparecer. O pensamento crítico ajudaria, sem dúvida, a evidenciar alguns dos fenómenos mais visíveis que os últimos anos têm revelado. Da escolha indiscriminada de figuras para cargos de enorme responsabilidade política devido ao seu poder mediático às mudanças de paradigma no financiamento, na programação e na criação artística, a crítica poderia servir de instrumento de detonação de profícuos diálogos na esfera pública. Mas isso não tem acontecido.

Contudo, não obstante o estado precário em que a crítica de artes performativas está em Portugal neste momento, vamos obstinadamente continuando, inspirados pela lição de Peter Weiss (dramaturgo alemão de que se celebrou, em 2016, o centenário do nascimento), que, no romance *A Estética da Resistência* (1975-1981), punha três amigos, em 1937, três jovens comunistas alemães em plena Alemanha nazi, a discutirem demorada e apuradamente objectos artísticos, fazendo denotar a incrível afinidade entre a resistência política e a arte.

2. O Dossiê Temático deste número, o segundo da Série II, é dedicado à genética teatral. Trata-se de uma disciplina dos Estudos de Teatro, ainda

com pouca visibilidade e presença na academia portuguesa, mas que, pouco a pouco, se vai clarificando e estabelecendo. Ana Clara Santos – uma das mais entusiastas introdutoras dos estudos genéticos nas preocupações dos Estudos de Teatro em Portugal –, na introdução que faz ao Dossiê Temático, esboça os traços maiores desta linha de investigação em artes performativas, deixando aqui várias e decisivas pistas para futuros trabalhos nesta área científica. Os textos reunidos no Dossiê resultam, na sua maioria, de comunicações apresentadas no 2.º Colóquio Internacional de Genética Teatral: «Percursos de Genética Teatral: Esboços, (Re)escritas e Transmodalização/ões Dramática(s)», organizado pelo Centro de Estudos de Teatro (CET) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), ocorrido a 17 e 18 de Setembro de 2015. Recorde-se que o primeiro colóquio internacional dedicado a este tema, em Portugal, também organizado pelo CET, teve lugar em 2009, focando vários «Percursos de genética teatral: do laboratório de escrita à cena», onde foram apresentadas conferências plenárias por Jean-Marie Thomasseau (Université Paris 8, França), Yves Jubinville (École Supérieure de Théâtre, UQAM, Canadá) e João Brites (Teatro O Bando).

Nos Estudos Aplicados – outra secção da revista, tal como a anterior, com arbitragem científica e de pendor mais académico –, reunimos ensaios sem tema específico e com propostas muito abrangentes. Assim, publicamos aqui um heteróclito mosaico que reúne formas muito diversas de perspectivar a cena contemporânea, quer olhando aguda e criticamente para o passado, quer mergulhando desabridamente no presente e nas múltiplas questões que enformam o pensamento sobre as formas dramáticas na actualidade.

Num plano mais historicista, Maria Helena Serôdio, num ensaio que relembra e homenageia o trabalho de Luiz Francisco Rebello, sublinha os inúmeros embates que o historiador, ensaísta, crítico e dramaturgo foi tendo com a censura, num texto que reconstrói alguns dos episódios mais significativos da história recente do teatro em Portugal e que – o mundo prova-o – não é de mais lembrar. A investigadora brasileira Fátima Saadi discute a peça *Götz von Berlichingen*, o romance epistolar *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e o *bildungsroman* *A Missão Teatral de Wilhelm Meister*, do jovem Goethe, entendendo-os como instrumentos de luta contra a hegemonia da cultura francesa nas artes alemãs do século XVIII.

No plano do diálogo com o presente, Anabela Mendes continua a sua investigação em curso sobre o estudo humanístico da neurociência – que teve um primeiro momento público no número de Junho de 2012

da *Sinais de Cena* –, lidando agora com o aparato conceptual trabalhado por António Damásio em *O Livro da Consciência: A construção do cérebro consciente* (2010) e convocando também o trabalho do coreógrafo grego Dimitris Papaioannou. Do Brasil – e contribuindo para conferir a este número da *SdC* um assinalável colorido transatlântico –, Antonio Guedes, revelando uma investigação mais longa sobre a dramaturgia contemporânea, explora aqui alguns modos de entender a palavra em cena, partindo de algumas posições de Artaud e dos exemplos tutelares de Koltès, Beckett e Novarina. Claudio Castro Filho regressa ao caricato episódio da prisão dos artistas da companhia de Granada, Títeres desde Abajo, por alegada temática «terrorista» no espectáculo *La bruja y don Cristóbal*. Por ter sido tomado como questão de segurança nacional, os artistas estiveram detidos durante cinco dias. Castro Filho, recorrendo às narrativas jornalísticas com que o caso foi noticiado, discorre agora sobre a censura e a metaficção no teatro espanhol contemporâneo, tendo em conta o lugar social do teatro de formas animadas.

Em Na Primeira Pessoa, publicamos uma entrevista com Jorge Silva Melo, uma excepcional conversa de longo fôlego que ajuda a trazer ao nosso convívio algum do pensamento – agudo, lúcido e raro – de um dos maiores vultos do nosso teatro. Um trabalho memorável conduzido por Maria João Brilhante, Eunice Tudela de Azevedo, Ana Campos e Teresa Faria. Publicamos também um Portefólio dedicado aos quarenta anos de actividade do Teatro Aberto, recolha da responsabilidade de Filipe Figueiredo e Paula Magalhães, que recorda uma das mais expressivas aventuras do movimento de teatro independente em Portugal.

Nos Passos em Volta e nas Leituras, como hábito, é dado espaço a críticas a espectáculos e recensões a livros de e sobre teatro, que encerra com a habitual lista de publicações do ano anterior. A periodicidade anual impede-nos, porém, de manter um diálogo verdadeiramente síncrono com a actividade teatral. Ainda assim, fica aqui uma apurada e plural constelação de alguns momentos do ano teatral transacto (mas não só), que permite, por um lado, mapear a incrível diversidade do teatro contemporâneo em registos que nos chegam de São Paulo a Xangai e, por outro, ajudar a reconhecer o papel vital que a arte tem na interpelação do mundo, fazendo de tudo isto um obstinado acto de resistência.

3. Uma das características mais estruturantes da *Sinais de Cena* tem sido – e, creio, será sempre – a sua dimensão colegial. Lado a lado, sempre trabalharam várias gerações de investigadores e críticos, com diferentes

idades, experiências e interesses. Assim, cada uma das secções da revista teve a coordenação editorial de um grupo de investigadores e críticos. Fica aqui o seu nome registado: Dossiê Temático (Ana Clara Santos, Catarina Firmo e Rui Pina Coelho); Estudos Aplicados (Gustavo Vicente, José Camões e Maria João Almeida); Portefólio (Filipe Figueiredo e Paula Magalhães); Na Primeira Pessoa (Maria João Brilhante, Eunice Tudela de Azevedo, Ana Campos e Teresa Faria); Passos em Volta (Ana Rita Martins, Bruno Schiappa, Catarina Firmo e Paula Magalhães); e Leituras (Sebastiana Fadda, Fernando Guerreiro e Emília Costa). A estes, outros se juntarão, mantendo um corpo editorial em permanente renovação e rejuvenescimento, tratando de manter vivo este espaço de discussão, exercício crítico e resistência.